ISSN 2316-1639 (online)

Relacionamentos de mentoreamento na Bíblia: exemplos assertivos ao pastoreio contemporâneo.

Mentoring Relationships in the Bible: assertive examples of contemporary pastoring.

Marcelo de Araújo Silva[1]

"Como o ferro afia o ferro, o homem afia o seu companheiro"
Provérbios 27:17(NAA)

"As iron sharpens iron, so oneperson sharpens another." Proverbs 27:17 (NIV)

RESUMO

Este artigo ocupa-se com a prática de mentoria como sistema de capacitação ao pastorado desde o momento em que ocorre o chamado vocacional, bem como, no auxílio as necessidades pontuais a pastores de mais experiencia. A fim de atender as expectativas da pesquisa, foi considerada a prática da mentoria a partir da sua origem na antiga Grécia, suas diferenciadas formas de aplicação ao longo da história no Antigo e Novo Testamento e o conceito que especialistas tem definido a respeito do método. Trata-se de uma pesquisa de revisão literária, que objetiva apontar conceitos e exemplos de mentoria considerados por pesquisadores em artigos científicos, livros e entrevista. bem como a relevância destes modelos como modelos assertivos a práxis do pastoreio contemporânea.

Palavras-Chave: Mentoria. Relacionamentos. Práxis Pastoral.

ABSTRACT

This article explores the practice of mentorship as a capacity-building system for pastoral ministry, beginning with the vocational calling and extending to assisting the specific needs of experienced pastors. To fulfill the research objectives, the study considers the origins of mentorship in ancient Greece, its varied applications throughout the Old and New Testaments, and the conceptual understanding provided by experts. This literature review aims to identify concepts and examples of mentorship discussed in scholarly articles, books, and

[1] Mestrando em Teologia pela FTSA. Bacharel em Teologia pela Unicesumar.

interviews, while highlighting the relevance of these models as assertive approaches to contemporary pastoral praxis.

Keywords: Mentorship, Relationships, Pastoral Praxis.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história bíblica, encontramos ocorrências com marcas visíveis do método de mentoria aplicado em pessoas que posteriormente tornaram-se grandes líderes de sua época. Através de relatos registrados no texto sagrado tanto no Antigo como no Novo Testamento confirmamos a prática e importância do método na transmissão do conhecimento. O processo de desenvolvia por alguém mais experiente, que escolhia um futuro sucessor para estar ao seu lado, no convívio com pessoas, nas mais diversas situações, a fim de que através da interação entre mentoreado, mentor e povo, o padrão de atendimento fosse perpetuado. Esse cuidado com a preservação e aplicação do método se estendia também na prevenção da saúde mental e física do que era mentoreado.

Estando entre os discípulos, Jesus exerceu princípios de mentoria. Entre alguns exemplos desta prática, destaca-se o modo como Ele acolheu homens iletrados transformando-os em professores do evangelho. Segundo Domingues (2016), seu mentoreamento fundia ensino e aprendizagem, teoria com a prática do ensino. Para a autora, "Jesus não apenas falava com as pessoas, mas às pessoas." Pagola (2016), afirma que, "Ele se aproximava das pessoas tornando suas vidas mais humanas, introduzindo saúde, perdão, amizade e esperança." Sua metodologia era diferente da que era tradicional em seus dias, pois em vez de aguardar que as pessoas viessem até ele, ele ia às pessoas. Destacamos em seu trabalho como mentor, a maneira simples como ele apresentava o conteúdo. A sala de aula para Ele podia ser qualquer lugar, desde uma praia, um monte, uma aldeia., e mesmo os lares onde moravam.

 ISSN 2316-1639 (online)

Segundo Colemam (1990), ao mentorear, "Jesus não estava procurando impressionar as multidões, e, sim, inaugurar o seu reino. Isso significa que ele precisava de homens que pudessem conduzir multidões", neste ponto, destacou seu cuidado em preparar o melhor possível alguns homens que pudessem garantir a sequência de sua missão. Nesta perspectiva, Cristo centralizou seu ministério como mentor no preparo dos doze. [...] subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele. Então designou doze para estarem com ele e para enviar a pregar (Mc 3:13-14).

1. ORIGEM E CONCEITO E PROCESSO DO MENTOREIO

1.1 Personagem que deu origem ao nome

A palavra mentor tem sua origem no livro Odisseia escrito pelo poeta grego Homero que viveu cerca de oitocentos anos antes de Cristo. No livro, o escritor cita o personagem por nome Mentor, e o destaca como amigo e sábio instrutor para seu filho. O livro contextualiza, que no transcurso de dez anos, enquanto Ulisses esteve em guerra, Mentor ocupou-se na formação de Telêmaco, e ao fim do período, Telêmaco foi qualificado para que se necessário, substituir seu pai como rei. Mentor foi uma fundamental figura de transição na vida de Telêmaco durante a jornada de sua infância à maturidade. Desde então, o nome pessoal *Mentor*, foi adotado como um termo que significa alguém que transmite sabedoria, e compartilha conhecimento com um colega menos experiente.

Em geral, a relação entre um mais experiente com um jovem iniciante proporciona vínculos e compromissos mútuos facilitando ao tempo certo, a transição para novas responsabilidades. Em síntese, a história do Mentor extraída do grande clássico de Homero, deu origem ao nome do método que inspirou a função e missão de influenciar e despertar a reflexão do orientado ao

ISSN 2316-1639 (online)

deslocamento da zona de conforto para o descobrimento do seu maior potencial.

1.2 Conceito, passado e presente

Como mencionado, a palavra mentor tornou-se o termo próprio para definir a pessoa qualificada, que se ocupa na missão de formar e preencher as lacunas necessárias a formação do indivíduo. Desde os dias da antiga Grécia e nos tempos bíblicos, o método de mentoria constituí a principal forma de transmissão de habilidades e sabedoria de uma geração para outra. Segundo Hendrick (2006), originalmente a palavra deriva do nome de uma pessoa chamada Mentor, que foi personagem da Odisséia, poema épico grego escrito por Homero, e que cumpriu a função de tutor designado por Ulisses para cuidar de seu filho Telêmaco enquanto esteve ausente por mais de dez anos em batalha no cerco de Troia. Para a equipe do MAPI (Ministério de Apoio a Pastores e Igrejas) a sugestão para uma definição de mentor específica é a seguinte: "Um mentor é alguém que acredita em outra pessoa, enxergando possibilidades além do que ela percebe, apoiando e nutrindo-a, desafiando e alavancando-a para seu pleno potencial dentro dos propósitos de Deus". A definição da equipe MAPI, não difere muito da visão acadêmica sobre mentoria mencionada por Wedel e Dück (2020):

> Há mais tempo o termo mentoria é conhecido no contexto acadêmico onde um professor, muitas vezes na universidade, adota um aluno como seu afilhado ou favorito, investindo nele e ajudando-o avançar de forma especial. Normalmente existe uma afinidade especial entre os dois e o professor enxerga um potencial especial nesse estudante. No mundo de fala inglesa o uso do termo foi estendido para todas as áreas: empresarial, artes, igreja e assim por diante.

Nas considerações apresentadas, percebemos o quanto a mentoria pode contribuir na formação dos líderes do passado.

 ISSN 2316-1639 (online)

Resta-nos agora, avaliar o quanto ela pode contribuir para o presente e o futuro.

O mercado atual, apresenta vários profissionais que se destacam por sua larga trajetória vertical e que encontraram na mentoria, uma nova maneira de compartilhar suas experiências aconselhando e guiando seus mentoreados a tomadas de decisões. Entre os atuais expoentes nesta área, destaca-se o nome de Sidney de Oliveira. Como escritor e fundador da Escola de Mentores. Sidney é colunista da revista exame, e considerado um dos mais influentes mentores do país. Em face das divergentes opiniões sobre coaching e mentor, Sidney foi convidado pela revista Exame a responder, algumas perguntas sobre o tema.

A fim de trazer luz as nossas considerações, apresentarei neste trabalho algumas máximas desta entrevista. Para Sidney (2019):

> Há três grandes figuras relacionadas ao desenvolvimento humano, cada uma desempenhando um papel específico e complementar - o professor, o coach e o mentor. O professor é o primeiro a participar da formação de um indivíduo ao passar instruções e informações. É aquele que diz o que as coisas são. Ele trabalha no nível de formação de repertório teórico do indivíduo. O coach é aquele que está ao lado do indivíduo quando ele aplica na vida a instrução que um dia recebeu. Por meio de metodologia específica e perguntas poderosas, o coach é quem trata das coisas como elas são. Ele trabalha no nível de competência do indivíduo para que esteja apto no objetivo determinado. O mentor é aquele que dá autonomia ao indivíduo para aprender com suas escolhas e os resultados que alcança com elas. O objetivo é desenvolver a maturidade e ganhar autonomia em sua área de atuação. O mentor atua como referência e usa sua vivência para promover a manifestação do talento do indivíduo.

Assim como mencionado nos exemplos de mentoria de outras épocas, Sidney também compartilha da ideia de que a relação entre um Mentor e um Mentoreado é totalmente vinculada à vivência, onde os papéis também podem ser entendidos como veterano e

 ISSN 2316-1639 (online)

novato. Dessa forma, sempre que nos encontramos diante de um novo cenário (somos novatos), precisamos de mentores dispostos a oferecer sua vivência naquele cenário como referência. Neste sentido, Sidney afirma que:

> A Mentoria não tem capacidade de motivar o indivíduo, mas pode mover o mentoreado à ação através de provocações direcionadas, que permitam ao indivíduo, identificar os próprios recursos para superar os desafios que escolhe enfrentar.

Apesar das respostas apresentarem conceitos que norteiem questões voltadas ao mercado de trabalho secular, as respostas mostraram-se eficazes ao lançar luz sobre a algumas semelhanças do mentoreamento bíblico. Nesta direção, podemos observar que através do processo de mentoria, o mentoreado extrai lições das frustrações e impasses da vida; com ela, ele torna-se capaz de entender que somente quando se enfrenta os maiores obstáculos da jornada, é que somos provocados alcançar maiores resultados. Dentro destas perspectivas**,** os mentores são em muitos casos considerados como guardiões dos antigos ofícios, zelando a perpetuidade do processo em que a arte era transmitida de mestre para aprendiz.

1.3 Exemplos ao longo da história

A experiência da visita de Jetro, sogro de Moisés na ocasião em que como mentor procurou orientar Moisés a preencher algo que estava faltando no exercício da sua responsabilidade, exemplifica a importância da figura do mentor na orientação sobre algo necessário na área de atuação do mentoreado. Observa-se na orientação de Jetro, sua percepção sobre os excessos de Moises ao dedicar tempo ininterrupto em seu cuidado por Israel, no entanto, através do sábio conselho, Moisés solucionou a questão, e pode alcançar em seu trabalho um melhor resultado. Esse processo de acompanhamento ao indivíduo rumo a maturação, apresenta

 ISSN 2316-1639 (online)

algumas semelhanças com o discipulado, entretanto, não são precisamente iguais. Apesar dos dois métodos compartilharem dos mesmos elementos, nos dois casos, sempre haverá aquele que ensina (discipulador), com aquele que aprende (discípulo); ou aquele que protege (mentor), com o que é protegido (mentoreado). Nas reflexões sobre os dois metodos, encontraremos as mesmas essências humanas que comungam no propósito de busca por um bem maior - o crescimento espiritual e técnico da humanidade. A esse respeito Hendrick (2006) menciona:

> Qual é a diferença entre mentoreamento e discipulado? Ambos se relacionam, mas não são exatamente iguais. [...] mentoreamento, pelo menos quando praticado por cristãos, certamente deveria centrar tudo em Cristo. [...] O discipulado inclui um chamado um convite direto do professor, que beira uma ordem. Enquanto, a palavra para "discípulo" significa e "aprendiz", a palavra mentoreado vem de uma palavra latina que significa "proteger". O mentor visa proteger o seu jovem afilhado

Apesar da função do mentor existir desde os dias da antiga Grécia, quando Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles e outros, se utilizaram de um conhecimento muito acima da média para guiar alguém, como foi mencionado anteriormente, o cuidado com a preservação dos métodos de atendimento no processo de mentoria se estendia também a saúde mental e física da vida daquele que era mentoreado. Além dos relatos bíblicos que apontam exemplos desta praxe como algo comum, destacamos também o cuidado que Lutero, (1968, p. 11) tinha com os pastores diante da agressiva peste negra que teve seu maior surto no século XIV, mas, esteve presente na Europa até o século XVIII. Suas orientações pela preservação da vida, exprimem o cuidado e o exemplo que o mentor deve manifestar ao orientar seu mentoreado. A esse respeito ele comenta:

> Pedirei a Deus para, misericordiosamente, proteger-nos. Então farei vapor, ajudarei a purificar o ar, a administrar remédios e a tomá-los. Evitarei lugares e pessoas onde

 ISSN 2316-1639 (online)

> minha presença não é necessária para não ficar contaminado e, assim, porventura infligir e poluir outros e, portanto, causar a morte como resultado da minha negligência. Se Deus quiser me levar, ele certamente me levará e eu terei feito o que ele esperava de mim e, portanto, não sou responsável pela minha própria morte ou pela morte de outros. Se meu próximo precisar de mim, não evitarei o lugar ou a pessoa, mas irei livremente conforme declarado acima. Veja que essa é uma fé que teme a Deus, porque não é ousada nem insensata e não tenta a Deus.

2. MENTORIA NO ANTIGO TESTAMENTO

2.1 Modelos diferenciados

Relatos semelhantes ao de Jetro e Moisés, repetem-se ao logo da história bíblica e demonstram como a mentoria esteve presente, contribuindo no processo comunicacional entre aquele que está qualificado para transmitir, com quem está disposto a aprender. Assim foi com Josué, que servia a Moisés (Êx 33:11), quando falava ao povo próximo da tenda; quando subiu ao monte para receber as instruções da construção do santuário (Êx 24:13); quando censurado por Moisés ao proibir dois dos setenta profetas que estavam profetizando distante da tenda (Nm 11:28-29) ou quando próximo da morte de Moisés foi introduziu como seu sucessor (Josué 31:7-8). A convivência ao lado deste grande mentor, serviu como meio de instrução, a fim de capacitá-lo para ser o futuro sucessor. Foram mais de quarenta anos de mentoria, período em que Josué pode aproveitar a oportunidade de conviver com um dos maiores líderes que a humanidade conheceu. Nestas ocasiões pode aprender estratégias militares unindo o esforço humano ao poder divino (Êx 17:11-13); a ouvir um "não" (Números 11:27-29) a entender que a força de um líder reside na coerência de seu estilo de vida. (Números 12:2) Compreendeu como o verdadeiro líder deve se portar diante dos que tem maior experiência (Êx 18:24). E por fim, experimentou a mais fascinante episódio na vida de um mentoreado, assumir a posição do seu mentor.

ISSN 2316-1639 (online)

Os relatos bíblicos apontam exemplos esta praxe como algo comum no exercício do pastoreio. Neste sentido, podemos observar esse exemplo na orientação que Jetro, sogro de Moisés faz ao trabalho exaustivo que desempenhava quando julgava as causas do povo. Ao dizer a seu genro: "Não é bom o que fazes (Êx 18:14), Jetro estava orientando a Moisés em não assumir uma missão acima de sua capacidade. Naquela ocasião cerca de seiscentos mil homens, sem contar suas famílias (mulheres e crianças) seguiam a Moises (Êx 12:37). No entanto, ele não havia percebido que estava centralizando todo o trabalho de julgar o povo para si. O modo como Jetro fez o diagnóstico da rotina de Moisés e lhe prescreveu os princípios corretos da delegação de tarefas, demonstram evidências de que a praxe de mentoria já existia naqueles dias. Para Hendrick (2006), esse intercâmbio entre Jetro e Moisés, é um estudo clássico de mentoreamento. Ele identifica esse intercambio através das seguintes palavras: "Agora, ouça-me! Eu lhe darei um conselho (Êx 18:19). Através destas orientações Jetro preservou a saúde de seu genro transmitindo e ensinando princípios que perduram até nossos dias.

2.2 Em necessidades especificas

Nos exemplos citados, identificamos a presença do mentor auxiliando, ensinando e protegendo seu mentoreado nos pontos que necessitavam orientação. Percebe-se que em cada contexto, surgem situações deferentes com realidades distintas. No caso de Jetro e Moisés, a mentoria ocorre entre dois homens que tinham profundo experiência com Deus, entretanto, diante das dinâmicas que ocorrem em vários aspectos da vida, sempre haverá algo a acrescentar na formação de alguém. De quando em quando, surgem situações para as quais não temos nenhuma noção de como conduzi-las, considerando a situação em que Moisés se encontrava, o acúmulo de trabalho impediu que ele percebesse a necessidade de um método que melhor atendesse a sua demanda. Mas, com os conselhos de Jetro, Moisés pode transpor uma grande dificuldade,

ISSN 2316-1639 (online)

que caso não fosse solucionada, poderia trazer sérios transtornos, inclusive para sua a saúde. Nos exemplos seguintes, consideraremos algo diametralmente oposto ao que temos mencionado, ao invés de dois homens experientes; apresentaremos a experiência de um líder em busca de um sucessor. Aqui vemos exemplos distintos de mentoria. Nos casos anteriores, ocorre sob a orientação de Jetro a Moisés e de Moisés a Josué, o direcionamento sobre algo que estava faltando no exercício da sua responsabilidade. A seguir, consideraremos a formação total do individuo rumo a uma possível sucessão.

2.3 A partir do chamado

Os contextos mencionados evidenciam duas funções específicas para o trabalho de mentoria. A primeira função é preencher lacunas, a segunda é a formação do indivíduo até a sua maturação. A função de preencher lacunas refere-se as atualizações diante dos avanços que ocorrem na área que atuamos. A segunda função, refere-se ao acompanhamento que o mentor deverá empreender desde os primeiros passos do mentoreado até a sua maturidade.

Nos dois casos apresentados, observa-se a importância da mentoria para auxiliar no processo de maturação em torno de situações que são imprescindíveis aos que execrem a função de gerir ou cuidar. Neste processo, cabe ao orientador entender dos assuntos pertinentes a área considerada e acompanhar o modo como o mentoreado tem reagido em torno destas situações. A experiência de Elias e Eliseu é um claro exemplo desta prática. Elias necessitava de um sucessor que atendesse as necessidades da nação.

Segundo Hendrick, (2005) modo como Elias chamou a Eliseu, revelam as três atitudes indispensáveis no processo de mentoreamento. Em primeiro lugar, Elias tomou a iniciativa. O texto bíblico é claro na expressão: “Partiu, pois, Elias dali e achou a Eliseu, filho de Safate [...]” (IRs19:19). Em segundo lugar, Elias se mostrou disponível, “Depois que Elias cerimoniosamente

 ISSN 2316-1639 (online)

depositou seu manto sobre Eliseu, diz o texto que o jovem lavrador deixou os bois e correu após o profeta (IRs19:20). Mais tarde, depois de despedir-se de seus pais. Eliseu seguiu Elias e o servia (19:21)." O Terceiro ponto praticado por Elias no seu mentoreamento, foi seu exemplo e coerência sobre aquilo que ensinava e vivia. Desta forma Elias conseguiu preparar seu pupilo para dar sequência ao seu ministério.

Percebe-se nos exemplos, de Moisés e Josué, bem como, Elias e Eliseu, que o método utilizado para o preparo destes sucessores desenvolveu-se em um contexto relacional, e apesar de serem auxiliados em épocas e perspectivas diferentes, em ambos os casos a figura do mentor foi indispensável no preparo para o exercício de sua responsabilidade.

3. MENTORIA NO NOVO TESTAMENTO

3.1 O método transpõe períodos

Ao considerarmos o modelo do pastoreio desde os dias do Antigo Testamento, podemos observar que a continuidade deste modelo ocorreu através da transmissão do conhecimento e prática nos processos de atendimento. As orientações destes processos eram exercidas por alguém mais experiente que auxiliava e introduzia seu sucessor às relações interpessoais com o rebanho, a fim de que o padrão de assistência fosse perpetuado. Esse cuidado com a preservação dos métodos de atendimento se estendia também a saúde mental e física da vida daquele que era introduzido.

3.2 Exemplos pontuais

Além de situações pontuais mencionadas nas Escrituras apresentam nomes de jovens promissores que foram recebidas pelos apóstolos a fim de serem preparados para causa de Deus. Apesar de terem boa formação familiar, esses rapazes ainda não tinham alcançado a devida maturidade para atender as diversas

ISSN 2316-1639 (online)

necessidades da época. Entre esses pupilos destacamos Timoteo. O pai de Timóteo era grego e sua mãe era judia, Paulo foi mais que um mentor e líder para Timóteo, ele foi como um pai para ele e Timóteo lhe foi como um filho (1Timóteo 1:2). Ao observar o bom testemunho que os irmãos de Listra deram de sua conduta, Paulo, vislumbrou um futuro promissor a este jovem como pregador do evangelho entre os judeus e gentios. A título de cuidado, a fim de que sua origem não comprometesse seu relacionamento entre os judeus recomendou sua circuncisão. Esteve com Paulo nos momentos em que ele escreveu as epistolas 2 Coríntios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses e Filemom. Em suas recomendações por carta a Timóteo, Paulo mentoreou sobre como deveria liderar a igreja; a não deixar os outros desprezá-lo devido à sua juventude; a dar um bom exemplo para os outros crentes "na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza" (1 Timóteo 4:12); a que se dedicasse a ler as Escrituras, a exortar e ensinar, e a não negligenciar o dom que lhe foi dado. Também aconselhou Timóteo a manter-se atento a si mesmo, e o exortou a ter cuidado com os falsos mestres e falsas doutrinas, mantendo uma ilibada conduta pastoral e a responsabilidade da igreja em relação aos membros pecadores, viúvas, anciãos e escravos.

Segundo Hendrick (2006), Paulo convidou a Timóteo para se juntar a ele durante uma de suas viagens missionárias, mais tarde finalmente tornou-se o pastor da dinâmica igreja de Éfeso. Quando lemos no livro de Atos e nas epistolas de Paulo o cuidado que ele externou quando em seus escritos mencionou o nome de Timóteo, percebemos com nitidez o enorme carinho de pai para filho que Paulo tinha com seu mentoreado. Durante sua última prisão em Roma, Paulo pediu que ele fosse visitá-lo antes do inverno (2 Tm 4:6-9). Não sabemos ao certo, se Timóteo pode visitá-lo, mas, o que possível afirmar, é que entre eles havia grande respeito e carinho.

O outro jovem do Novo Testamento foi Tito. De origem grega e pagã, convertido e batizado por Paulo, Tito foi segundo mentoreado de Paulo, que alcançou destaque no Novo Testamento. Esteve com Paulo no concilio em Jerusalém e foi

ISSN 2316-1639 (online)

favorecido pelas decisões tomadas. Por não existir registro de Tito no livro de Atos, somente identificamos o relacionamento e mentoreamento de Paulo com Tito através das epistolas 2 Coríntios, Gálatas, 2 Timóteo e Tito.

O registro de mentoreamento de Paulo a Tito nas epistolas, apresentam orientações na formação de líderes. Paulo sentiu que era a sua responsabilidade continuar mentoreando a Tito, assim como instrui-lo e incentivá-lo na formação de líderes dentro da igreja em Creta (Tito 1:5). Por algumas ocasiões Paulo contou com Tito em missões sobre questões que se relacionavam a ordem e liderança na igreja (2 Co 8:17-18). O aperfeiçoamento desta habilidade serviu de grande auxílio, tanto a igreja como para Tito, a fim de que ambos pudessem alcançar seu maior potencial. Nesta direção Paulo guiou Tito na busca por líderes, e nas sugestões sobre como melhor instruí-los. Suas instruções incluíam direções pastorais para homens e mulheres de todas as idades (Tito 2:1-8).

O terceiro pupilo mentoreado pelos apóstolos foi João Marcos. João Marcos era filho de Maria (At.12.12), primo de Barnabé (Cl 4:10). Foi convidado como auxiliar, na primeira viagem missionária de Paulo (At 13:5), abandonou Paulo e Barnabé na Panfília (At 15:38), Entretanto, Barnabé ainda via em João Marcos alguém promissor para a obra do evangelho. A insistência de Barnabé em continuar mentoreando a João Marcos, provocou séria desavença entre os dois apóstolos, e por esse motivo se separaram. Essa separação resultou no surgimento de duas novas equipes (At 15:38-39). Esse contexto, apresenta algo relevante na atitude de Barnabé em relação aos mentoreados. Barnabé agiu como protetor ao mentorear a Paulo no processo de transição religiosa do judaísmo para o cristianismo. Ele foi a ponte entre os dois mundos.

No caso de João Marcos ocorreu algo semelhante. A mesma proteção que Barnabé deu Paulo diante oposição da comunidade dos apóstolos, ele dedicou a João Marcos quando foi rejeitado por Paulo. Essa é a razão de Hendrick (2006) afirmar que "O mentor visa proteger o seu jovem afilhado enquanto ele atravessa a

ISSN 2316-1639 (online)

fronteira ruma a varonilidade." Posteriormente, João Marcos transpôs a fronteira, foi chamado por Paulo (2Tm 4:11) e tornou-se útil à causa. Conclui-se que, no processo para desenvolver o ser humano ao seu maior potencial, Deus usa outro ser humano imbuído pelo Seu Espírito. Cumpre-se, então, as palavras do sábio: "Como o ferro com o ferro se afia, assim é o homem ao seu amigo" (Provérbos 27:17)

3.3 A partir da conversão

De acordo com o que já mencionamos a mentoria não se restringe a alguma faixa etária, pode acontecer com pessoas que já alcançaram a maior idade. Verificamos este fato, no processo de mentoria registrado por Lucas no livro de Atos dos Apóstolos sobre o ingresso de Paulo através da mentoria de Barnabé na comunidade dos discípulos. Naquela ocasião, José, levita natural de Chipre a quem a comunidade apostólica deu o sobrenome de Barnabé, ingressou na comunidade dos apóstolos após ter vendido um campo e depositado à serviço da igreja. (At 4:36-37). Estando na comunidade apostólica, Barnabé percebeu a desconfiança que a comunidade tinha com Paulo. Sobre essa situação, Silva, (2008) comenta:

> Barnabé percebe a grandeza e as possibilidades desta nova comunidade que está surgindo e coloca toda sua confiança na nova instituição. Em contrapartida, também recebe dos apóstolos toda confiança para fazer a transição do judaísmo ao cristianismo. Barnabé, sabendo da desconfiança dos apóstolos com relação a Paulo, é sensível aos problemas da cidade que "matava os profetas", chamando a si a reponsabilidade de introduzir Paulo a comunidade dos apóstolos.

O texto acima considera duas percepções sobre Barnabé, a primeira refere-se a sua visão missionária, a segunda, sua disposição de mentorear o trânsito religioso de Paulo entre os ambientes do

 ISSN 2316-1639 (online)

judaísmo para o cristianismo na comunidade apostólica. Para Hendrick (2006), Barnabé teve um relacionamento de mentoreamento quando abriu a caminho a Paulo para se associar a igreja depois de sua conversão dramática no caminho de Damasco. Naquela ocasião, Paulo se deparou com algumas barreiras para ser aceito na comunidade apostólica, entretanto, através do trabalho de Barnabé, esta situação foi contornada. Sobre essa questão Silva (2008), menciona:

> Da situação de desconfiança dos discípulos, até compreensível em razão dos antecedentes de Paulo, Barnabé, assume a responsabilidade de abrir novos caminhos. Lucas afirma que, depois da chegada de Paulo a Jerusalém e diante da rejeição velada dos apóstolos, Barnabé, com seu conhecimento de cidade, torna-se um guia para Paulo." Mas Barnabé, "tomando-o consigo", levou-o aos apóstolos; e contou-lhes como ele vira o Senhor no caminho, e que este lhe falara e como em Damasco pregara em nome de Jesus. Estava com eles em Jerusalém entrando e diante saindo, pregando ousadamente em nome do Senhor. (At 9:27-28)

Lucas é claro ao afirmar que Barnabé buscou a Paulo, "tomando-o consigo" (At 9:27). De acordo com Silva, (2008) neste ato, Barnabé protegeu Paulo dando testemunho a seu favor, com essa atitude tirou-o do anonimato e abriu as portas da comunidade dos discípulos para recebê-lo como novo convertido que, errante depois de sua experiência no caminho de Damasco, necessitava ser acolhido. O segundo exemplo de atualização através da mentoria no livro de Atos dos Apóstolos, foi o que Priscila e Aquila deram a Apolo. Apolo era um judeu de Alexandria, Egito, descrito como "eloquente", "poderoso nas Escrituras", "fervoroso de espírito" e "instruído no caminho do Senhor" (Atos 18:24). Em 54 d.C. ele viajou para Éfeso, onde ensinou corajosamente na sinagoga. No entanto, naquela época, o entendimento de Apolo sobre o evangelho era incompleto, uma vez que conhecia "apenas o batismo de João" (Atos 18:25). Áquila e Priscila, amigos de Paulo,

 ISSN 2316-1639 (online)

"Tomaram-no consigo" (At 18:18) e passaram algum tempo mentoreando a Apolo a fim de preencherem algumas das lacunas sobre sua compreensão a respeito de Jesus Cristo (Atos 18:26). Através do mentoreamento Apolo alcança seu maior potencial, e foi usado por Deus como destacado defensor do evangelho. (Atos 18:26-28). A expressões: "Tomaram-no consigo" (v 26) e "Querendo ele percorrer a Acaia" (v 27) registradas no capítulo dezoito do livro de Atos nos encaminham a reflexão de que não foi necessário um grande período para que Apolo fosse atualizado sobre as questões relacionadas ao evangelho. O que percebemos, é que assim como aconteceu com Moisés em relação a Jetro, Apolo recebeu um mentoreamento específico sobre os assuntos que ele como pregador necessitava inteirar-se.

Considerações finais

As considerações da mentoria a partir de sua origem, demonstram que suas práticas foram eficazes em fases diferentes da história humana. Nesta perspectiva, podemos reconhecer sua importância na formação do indivíduo, a partir de suas afinidades e vocação. Perceba-se que desde os dias da Grécia antiga, sempre existiram os chamados guardiões do conhecimento, que em momento oportuno puderam orientar seu pupilo ao alcance de um maior potencial. Assim compreendemos que a mentoria é por excelência um método que atende as especificidades e necessidades humanas, preenchendo os espaços necessários rumo a maturação.

Nesta análise, confirma-se que como indivíduos somos únicos, com subjetivos e necessidades especificas. Como Apolo, as vezes nos falta um pouquinho mais para entendermos além do batismo de João; ou mesmo como Moisés, nos falta alguém para nos dizer que precisamos distribuir. Em alguns casos, pode acontecer, que precisemos ser mentoreados desde o início, assim como foi com Eliseu e Timoteo. O que nos resta agora, é considerar, se esta metodologia milenar e assertiva, pode ou não oferecer alguma contribuição ao ministério pastoral. E se

 ISSN 2316-1639 (online)

concordarmos que sim, então, que Deus abençoe pastoreio contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada.** Almeida Revista e Atualizada.2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

COLEMAN, Robert E. O plano mestre de evangelismo. São Paulo: Mundo Cristão, 1969.

DOMINGUES, Gleyds. **Andragogia de Jesus**: A Metodologia de Ensino que transformou o processo educativo. Curitiba: A.D. Santos, 2016.

HENDRICKS, Howard. **Discipulado**, O caminho para firmar o caráter cristão. Belo Horizonte: Betânia, 2005. 97p.

HENDRICKS, Howard; HENDRICKS, William. **Como o Ferro afia o Ferro**. São Paulo: Shedd Publicações, 2006. 254p.

GALVÃO, Luan. **Diferenças entre mentoria e coaching na voz de um especialista**. Revista Exame. Entrevista com Sidnei Oliveira. Publicada em 01/09/2019. Disponível em: <https://exame.com/blog/o-que-te-motiva/diferencas-entre-mentoria-e-coaching-na-voz-de-um-especialista/#:~:text=Por%20meio%20de%20metodologia%20espec%C3%ADfica,resultados%20que%20alcan%C3%A7a%20com%20elas>. Acesso em: 17 jan. 2022.

LUTHER, Martin. Luther's Works, Vol. 43, Fortress Press, 1968.

OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich. Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a palavra. São Leopoldo: Sinodal, 2005. 147p.

PAGOLA, José Antônio. **Grupos de Jesus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SILVA, Geoval J. "Pastoral Urbana: A construção de Sinais de Esperanças em Situações de Desesperança." in: SILVA, Geoval J. **Itinerário para uma Pastoral Urbana.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

WEDEL, S; DÜCK, A, W. "Pastores também são ovelhas – Importando-se para cuidar daqueles que cuidam." in: **Revista Cógnito,** v.2:2 (2020) pp. 280-318. Disponível em <https://revista.fidelis.edu.br/index.php/cognito/issue/view/4> Acesso em 4 mar. 2022.